

Ritos juvenis e celebração cristã

SÉRGIO DINIS DA COSTA ROCHA*

1. Conceito de Rito

O rito é um «comportamento estandardizado que exprime activamente a crença numa situação humana fundamental. É a expressão cerimonial do mito ou da doutrina. Em sentido largo aplica-se a todo o acto com significado social celebrativo»¹. «É um sistema codificado de práticas, com certas condições de lugares e de tempo, possuidor de um sentido vivido e um valor simbólico para os seus actores e testemunhas, que implica a colaboração do corpo e uma certa relação com o sagrado»².

Um rito, ou um ritual, é uma sucessão de gestos, palavras, actos, cantos, sinais e repetições, individuais ou colectivos, presentes numa cerimónia e realizados em tempo e lugar próprios. Pode, pois, definir-se como um conjunto de actos formalizados, configurados num espaço e num tempo determinados, que dá origem a comportamentos individuais ou colectivos. Inclui certas fórmulas, que possuem uma eficácia de ordem simbólica ou real. Um rito tem sempre um suporte corporal (verbal, gestual, de postura) com carácter repetitivo e forte carga simbólica.

Os novos ritos dos jovens adolescentes são profanos, e são «de plástico», espectaculares mas pouco consistentes. Neles, desaparece o silêncio, elemento

* Licenciado em Teologia e Mestre em Ciências Religiosas. Professor de EMRC na Escola EB 2,3 de Abação – Guimarães.

¹ Verbo. *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura*, Editorial Verbo, 16ª ed, Lisboa 1994, 662.

² J. M. MARDONES, *Para comprender las nuevas formas de la religión*, Editorial Verbo Divino, Pamplona 1998, 25.

fundamental em certos rituais tradicionais sagrados. Apesar destas novas características, não deixam de ser prolongamentos de vivências tribais ou manifestações tradicionais da mais profunda humanidade. Continuam a ser um conjunto de actos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica³. São ocasiões em que o misticismo e a crença promovem situações de vibração comum e de empatia, convertendo-se em momentos muito importantes para o grupo «tribalizado». O rito é essencialmente tribal, constitui o próprio fundamento da memória colectiva e serve de alicerce às representações comuns.

O ritual é um caminho de crescimento humano. O rito é, assim, caracterizado por uma configuração espacio-temporal específica, pelo recurso a uma série de objectos, por sistemas de comportamentos e de linguagem específicas e por sinais emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. Os grupos reúnem-se para celebrar. Porque vivemos num tempo de individualismo, em que só pensamos em nós e em fins materiais, e, em todo o caso, porque vivemos no quotidiano, na celebração passamos ao tempo colectivo, em que a alma se regenera⁴.

Nenhum povo, nenhuma cultura sobrevive sem ritos, sem elementos que possam unificar as suas vidas, as suas expressões, a sua organização. O rito surge da necessidade da cultura em manter-se viva. Porém, «nas sociedades modernas o rito traslada-se para outras esferas ou âmbitos da vida, não religiosas»⁵, como, por exemplo, a música e os seus espectáculos, ou o desporto, nomeadamente o futebol.

2. Rito e desporto

O desporto é um fenómeno humano muito ligado à origem, às estruturas e ao funcionamento da sociedade. Está, por isso, associado ao mito, à religião, a símbolos e a rituais, com as suas funções próprias. Permite sonhar com um mundo melhor e vivê-lo já duma certa maneira: jogando ritualmente o combate existencial até à vitória final, mostra que esta pode constituir a conclusão feliz do destino do homem. O desporto funciona, também, como um sistema simbólico de tipo escatológico. Funciona como um símbolo da transcendência, como a manifestação da atracção do homem para uma realidade que se situa noutra lugar, como uma atracção para o além do humano, para o sagrado.

³ Cf. MARTINE SEGALÉN, *Ritos e Rituais*, Col. «Saber», Publicações Europa-América, Mem Martins 2000, 15.

⁴ *Ibidem*, 15.

⁵ Rafael GÓMEZ PÉREZ, *Los Nuevos Dioses*, Ediciones Rialp, Madrid 1986, 189.

Celebrando os rituais desportivos, o homem pode regressar às suas origens. É justamente porque nos remete para as origens e nos faz viver ritualmente os dramas primordiais, fonte de sentido para os dramas actuais, que o desporto, nomeadamente o futebol, é belo e trágico. Revela ao homem e à sociedade que a sua existência continua a ter necessidade de festa, mas que ela será sempre uma experiência dramática, tendo como saídas possíveis a vitória ou a derrota. Mas o futebol e o desporto em geral mostram que a vitória pode estar ao alcance de todos e que o verdadeiro desfecho feliz da existência do homem e da sociedade é a vitória final.

«O grande ritualismo que acompanha a prática e espectáculo do desporto insere uma sacralização. Encontram-se semelhanças entre o ritual de uma partida de futebol e uma celebração religiosa. O futebol é um evento representado por vinte e três oficientes, sobre o altar de relva, no recinto sagrado dos estádios, iluminados por enormes candelabros, ante a atenta e participativa, exultante ou deprimida, observação de milhares de aficionados. O ponto alto, verdadeira consagração desta missa dominical e secular de multidões, é o golo: os fiéis levantam-se, vitoriam, clamam, rugem... numa catarse colectiva que termina no emocionado entusiasmo quando se consegue um triunfo que supõe um troféu, um campeonato. Os momentos da celebração desportiva com a proximidade aos outros, a participação/ intercâmbio emocional, são a argamassa do tribalismo, a expressão da transcendência específica do grupo»⁶. «Desenvolve-se uma intensa participação corporal e sensorial, a expressão de um sentido de comunidade quando um jogo é ganho, condição de um sentimento de *communitas*»⁷.

A semelhança pode-se estender aos preliminares da cerimónia: a preparação dos celebrantes que exige disposição, concentração, isolamento, isto é, uma vida dedicada ao desporto. Um certo rito de purificação que reclama esforço, renúncia e penalidades. O público tem muitas conotações com os fiéis: grandes filas, quais tradicionais procissões até à catedral, vão indicando o lugar da cerimónia; levam distintivos da sua devoção pessoal para se identificar e se diferenciar. E, semanalmente, à mesma hora, a transmissão desportiva, futebolística, reúne diante do altar doméstico da televisão os fiéis que buscam a sua dose de emoção e entusiasmo colectivo semanal⁸.

⁶ Cf. J. M. MARDONES, *o.c.*, 94.

⁷ MARTINE SEGALÉN, *o.c.*, 59.

⁸ Cf. J. M. MARDONES, *o.c.*, 94.

3. Rito e música

«A música está desde sempre ligada ao sagrado, ao fascinante, ao demoníaco»⁹.

Uma das dimensões mais estruturantes de algumas culturas juvenis contemporâneas é precisamente a música, nos seus mais diversos estilos. Alguns dos exemplos mais recentes desses estilos remetem directamente para uma produção musical puramente instrumental e fortemente rítmica, que pressupõe uma apropriação corpórea através da dança (techno, transe, drum'n bass, etc.), onde o corpo é valorizado pela expressão da sua actuação performativa e onde os seus limites físicos e sensoriais são também experimentados.

Os momentos musicais tornam-se proporcionadores de efervescência colectiva e comunhão orgiástica, equivalentes a alguns ritos tribais. Assistimos assim à criação de um âmbito social mediante a música. Através da música, forma-se um público com gostos, modos de comportamento, indumentária, afinidades sócio-culturais. A música serve de elemento de convocatória, de proximidade, mas também de difusão, inclusivamente, de um certo estilo de vida.

No concerto *rock*, ou *pop*, assistimos ao momento tribal, pelas emoções e sentimentos colectivos partilhados através da música. Tanto entre os músicos como entre o público há um desejo latente e intenso de ritualidade. Um concerto de música moderna é como uma grande celebração juvenil: uma grande explanada ou um estádio onde os grupos de jovens, eles e elas, se vão posicionando vestidos com uma indumentária própria da celebração. A recepção do ídolo ou ídolos no palco, a emoção colectiva ante o ritmo, as luzes, os efeitos acústicos hiperamplificados, a participação mediante as palmas, o baile... vão exaltando o público que, em certos momentos da celebração, podemos dizer que entra em transe. Há como uma vivência mística, mediante o ritmo, a música, o ambiente de massas, os efeitos acústico-luminosos, a bebida, a efervescência colectiva.

A música exalta a religião em si mesma: a proximidade, o reagrupamento, a coesão, ainda que pontual; o estar juntos e participar, comungar em algo comum que pode ser muito banal, como o é participar num concerto, aplaudir a mesma estrela, ou ídolo, exaltar-se com o mesmo ritmo; o importante é estar próximo e sentir emoções semelhantes. Sentir uma só coisa com os outros seres vivos¹⁰.

⁹ Ibidem, 92.

¹⁰ Cf. Ibidem, 92-93.

4. Novos ídolos

O coração humano é uma fábrica de ídolos. Cada um de nós é, desde a infância, especialista em inventar ídolos. Sabemos que os adolescentes e jovens buscam modelos para tentar moldar as suas próprias características. Neste sentido assume grande importância o papel dos ídolos, que se vão modificando conforme a evolução do processo de adolescência.

Será que nós conhecemos os ídolos dos nossos alunos? Numa experiência pessoal, foram colocados à disposição dos participantes fotografias dos ídolos dos adolescentes, meus alunos, que responderam com estes nomes ao inquérito por mim realizado: Bill Kaulitz; Nuno Janeiro; John Cena; Avril Lavigne e Zac Efron. Dos treze participantes apenas dois disseram que Bill Kaulitz era cantor, mas ninguém o identificou como vocalista da banda de culto dos nossos alunos *Tokio Hotel*. Seis identificaram Nuno Janeiro como actor e *moranguito*. Sete acertaram ao afirmar que John Cena é um lutador de *wrestling*. Apenas um não conhecia a cantora Avril Lavigne e ninguém identificou Zac Efron (actor da série *High Scholl Music*).

Os nove ídolos figuram a imagem de um ideal de beleza e perfeição que os alunos, rapazes e raparigas, querem atingir. Uma identificação que dita as regras de como se devem comportar, vestir, ou dançar, mas que também pode transmitir mensagens subliminares que perturbam o crescimento saudável dos adolescentes. Como sabemos, a luta por um corpo magro e perfeito pode gerar perturbações nos comportamentos alimentares, como a anorexia e a bulimia, infelizmente tão comuns na sociedade actual.

Há dias, jovens de várias zonas do País foram assistidos no hospital. Os sintomas eram fotocópia em quase todos. Os mesmos que as personagens da série *Morangos com Açúcar*. Há uma identificação com os ídolos da série juvenil. Na adolescência, toda a gente vê a novela, por isso tratou-se de um fenómeno de sugestão e identificação com as figuras que eles admiram.

O mundo moderno está recheado de novos super-heróis, personagens que substituíram alguns ídolos históricos, e simbolizam novos ideais. Batista, John Cena e Undertaker são alguns dos actuais ídolos dos jovens e crianças portuguesas, que estão completamente viciados no *wrestling*, espécie de luta encenada que domina as conversas e preenche os tempos livres dos mais novos. A TVI passa este programa aos sábados de manhã, horário nobre para as crianças e adolescentes. Além de verem na televisão, costumam jogar *wrestling* no computador e falam na escola sobre os melhores jogadores e o espectáculo da manhã de sábado. E imitam os golpes nas brincadeiras com os colegas.

Cabe-nos uma adequada escolha dos ídolos a serem oferecidos nas nossas aulas. Se apresentarmos, com o mesmo entusiasmo e convicção que a televisão, as personagens que pensamos serem os modelos a seguir, os nossos alunos

vão adoptá-los como seus ídolos. Não podemos deixar de mostrar as figuras exemplares que nos são sugeridas em cada módulo dos nossos programas, e outros que acharmos adequados.

5. Rituais da vida nocturna

«Os jovens são os peregrinos infatigáveis da noite urbana, e nela estão gerando toda uma efervescência de liturgias que comemoram a preeminência vital do grupo sobre o indivíduo e condensam as múltiplas sensações e paixões da vitalidade juvenil numa grande comunhão geral»¹¹. Aos doze e treze anos já têm permissão para sair à noite. Pelos catorze enchem discotecas. Muitos bebem e fumam como gente grande. É o mundo da noite dos mais novos, onde reina a cultura do *shot*. O ritual é o consumo destas bebidas fortes, os populares *shots*, cinco ou mais de seguida num curto espaço de tempo. O regresso a casa acontece de madrugada, às quatro ou cinco horas.

Nos meios urbanos, a experiência da vida nocturna e das noitadas com os amigos chega cada vez mais cedo. E com ela os riscos que lhe estão associados, como a violência, os consumos de álcool e drogas ou a precariedade das relações afectivas. O risco faz parte da adolescência. E há que transgredir, experimentar, desafiar, alargar os horizontes e o mundo das relações e das experiências. Sejam elas um *shot*, um «charro» ou uma «curte». Uma precocidade no desenvolvimento social e relacional que às vezes não é acompanhada por uma estabilidade emocional.

Os jovens gostam de sair à noite para conviver com os amigos, conversar e dançar até de madrugada. Sair à noite durante a adolescência tem uma carga social importante. Os jovens que podem sair e não têm horas para regressar a casa são vistos, pelos seus amigos, como heróis.

Através do grupo o adolescente tem a possibilidade de se estruturar enquanto indivíduo, vencendo os obstáculos e ultrapassando determinadas etapas que lhe são exigidas pelo grupo, como, por exemplo, beber bebidas alcoólicas até ao limite, fumar um maço de cigarros ou dançar até amanhecer. Estas manifestações de identidade características da noite, demonstram ao grupo que o adolescente já é digno de ser aceite e permitem-lhe atingir um determinado estatuto.

A coesão do grupo depende essencialmente da consistência das suas ideologias e da prática dos seus rituais, incluindo as saídas à noite, os passeios pelos

¹¹ Ángela LÓPEZ, *Ritos sociales y liturgias juveniles de espera*, in Rafael DÍAZ-SALAZAR; Salvador GIMEN; Fernando VELASCO (eds), *Formas modernas de religión*, Alianza Universidad, Madrid 1996, 213..

bares ou discotecas. Assim, no segredo da noite o adolescente descobre uma vida nova, uma vida nocturna repleta de mistérios, de aventuras e de medos.

A noite é sinónimo de liberdade, longe dos olhares reprovadores dos pais. Sair à noite também significa maturidade: simboliza o fim da infância e o início da vida adulta, o que confere ao adolescente alguma autonomia e independência do seio paternal. É, claramente, um ritual de passagem.

6. A moda e as marcas

Os adolescentes, nossos alunos, ostentam a roupa de marca e exibem a loja e o preço do artigo. Têm a «mania» das marcas. Dão muita importância à marca da roupa e aos objectos que se compram. As marcas proporcionam-lhes crenças. Agrada-lhes numa marca a sua qualidade, mas também a qualidade do seu nome. Por sua vez, a moda, ao consagrar as marcas, tem uma qualidade de culto que cria um sentimento de pertença.

Perguntei aos alunos do quinto e sexto ano o que tinham recebido no Natal. Já sabem o que quase todos receberam: os produtos da moda. Mas, na enumeração dos presentes faziam questão de mencionar sempre a marca dos produtos.

São fiéis a uma marca, mas não para sempre. Consomem determinada marca ou produto até ao momento em que outra surgir como sendo a «da moda».

Os amigos são a maior influência, tornando-se determinantes no sucesso das marcas junto do público adolescente. O grupo de amigos, apontado como influenciador na escolha de uma marca, demonstra um dos principais determinantes conscientes ou inconscientes: a necessidade de aceitação e reconhecimento social. Mais que exclusividade, o produto deve ser reconhecido como a cara do grupo, da «tribo». Como símbolos de comunicação, as marcas, facilitam a aproximação e a construção dos grupos e dos seus diferentes significados.

A moda reflecte-se também na posse de bens dos nossos alunos. Está na moda todos terem: mp3, ipod, playstation, telemóvel. É verdade que os adolescentes estão cada vez mais próximos do mercado de consumo. Cada vez mais cedo dominam o conhecimento das marcas e até influenciam as compras dos pais. O mercado destina-lhes produtos e usa-os para escolha de produtos da família. Num mundo de pais excessivamente ocupados e cansados, a culpa emerge e é aproveitada pela sociedade de consumo, que incentiva a compra excessiva. Como se brinquedos, objectos, guloseimas e afins compensassem a frustração e, por vezes, a culpa dos pais por não poderem brincar ou conversar com os filhos.

Por exemplo, praticamente todas as crianças em idade escolar têm um telemóvel. E não conta apenas a possibilidade de mandarem mensagens ou falarem umas com as outras, mas é importante o reconhecimento do valor do

aparelho que possuem. O telemóvel é visto, nesta faixa etária, como um símbolo de independência, autonomia, e até proporciona um certo *status* social. Conta demasiado para a sua imagem entre os colegas a posse desse equipamento, mesmo que não esteja bem ciente do seu funcionamento ou utilidade. Os adolescentes discutem marcas, cores, modelos e até funções, na linha de, por exemplo, «o meu tira fotografias, e o teu não», ou «o meu telemóvel é dos piores da turma».

Para muitos, a sociedade de consumo substitui a crença e a espiritualidade. Hoje, muita gente vai para o hipermercado e para os centros comerciais fazer compras só para preencher o grande vazio espiritual que sente. E o pior é que se compra muito aquilo de que não se precisa, ficando-se endividado, só porque o comprar se transformou num ritual a cumprir, ao fim de semana, nos templos quase sagrados dos hipermercados e centros comerciais.

Os objectos e os padrões da sociedade de consumo, constantemente divulgadas pela publicidade, ocupam o espaço dos valores e dos princípios. A própria moda transformou-se numa forma de ditadura. Quem não a segue é marginalizado. Os alunos que não usam roupa de marca são menosprezados socialmente.

7. Ritos na escola

«O público juvenil sente a necessidade de um vínculo social. Busca o êxtase que se encontra na lógica do acto social. Assiste-se à constituição e consagração do culto grupal, à formação de comunidades tribais, quer dizer, de pequenos grupos emocionais que partilham sentimentalmente valores, lugares e ideais»¹². Isto acontece, também, na escola.

O grupo de amigos tem variados atractivos, representa a descoberta e a aventura e é com ele que o adolescente se identifica e constrói relações gratificantes. Por todas estas razões o grupo de amigos exerce um poder de fascínio na adolescência.

À medida que as crianças crescem, vão entrando em contacto com um maior número de pessoas e começam a aprender padrões e rotinas para a interacção social. Através de cumprimentos, despedidas e interacções com os outros, as crianças vão aprendendo competências sociais de grande importância. Os rituais do grupo proporcionam, ainda, oportunidades para que as crianças participem em interacções sociais mais complexas. Por exemplo, durante o recreio a criança aprende a fazer turnos, partilhar brinquedos, esperar, e ajudar os outros. Obser-

¹² J. M. MARDONES, *o.c.*, 92.

var as crianças mais velhas e os adultos a praticarem estas mesmas competências é também um meio de aprendizagem muito eficaz.

O recreio atrai mais do que as aulas. Mas a sociabilização não é fácil para todos. Há uma apropriação festiva da escola mas, ao mesmo tempo, a integração nos grupos é difícil. O sofrimento não é só na sala de aula. Os grupos são, por vezes, tiranos, fazem exigências múltiplas, exigem rituais de iniciação, de pertença e de presença. Assumem características que os tornam fáceis de identificar: o modo de vestir, os adornos, os gostos musicais, etc. O seu comportamento reproduz certas práticas rituais. No caso, os ritos funcionam como um meio de preparação para os adolescentes ingressarem no mundo dos adultos, uma vez que têm implícita uma marca que os identifica e simultaneamente os integra na vida social e cultural.

Esta ritualidade também pode ter o seu lado negativo. O recrudescimento de práticas de mutilação e de tatuagem, associadas a ritos antigos, ocorre hoje em algumas culturas juvenis. A mutilação mais visível é a perfuração (*piercing*) das orelhas para colocação de brincos; mas também se perfuram os lábios, a língua, as sobrancelhas, o nariz, etc. Para além dos piercings, o fumo e o álcool, constituem, no mundo moderno, símbolos claros da marginalidade corporal que identifica os adolescentes ao grupo, que não necessariamente a uma cultura.

O grupo é um espaço de aprendizagem e de aprimoramento pessoal, um dos poucos espaços colectivos em que há aprendizagem de relações de confiança colectivas. Conhecer o quotidiano dos alunos nos seus grupos é importante para que os professores possam compreender um pouco mais a vida destes alunos, para além da sala de aula. A ideia é criar um clima para que haja partilha de emoções, partilha de experiências. O objectivo será estar a par dos interesses dos alunos e saber com quem andam, sem ser intrusivo.

Numa sessão realizada com este objectivo, os participantes foram desafiados a lembrarem possíveis rituais que acontecem na nossa escola e são realizados pelos nossos alunos, quer consciente quer inconscientemente. Foram apontados: fumar às escondidas; a ligação à Internet, nomeadamente ao *hi-5*; a conversação via *Messenger*; o envio de *sms*; ouvir música no telemóvel ou mp3; fazer queixinhas; espera do professor no portão.

8. Rituais na nossa aula

A sala de aula está repleta de simbolismos, ritos e rituais. É fácil, não precisamos de forçar muito, para fazer analogias com os ritos da Eucaristia. Há, de facto, rituais na sala de aula que professores e alunos celebram dia a dia: a entrada na sala de aula, um certo modo de organizar o espaço da sala, o livro de ponto, o sumário, a marcação de faltas, a secretária do professor, as carteiras dos alunos, o quadro preto, o pau de giz, o manual escolar.

Podemos, nós professores, aproveitar a necessidade e a boa aceitação dos rituais pelos nossos alunos para lhes passar a mensagem cristã, de valores, de projecto de vida, mas também para celebrar a fé na escola e na sala de aula. Quantos de nós não passam a sua mensagem através de canções que ficam na memória dos alunos! Muitas vezes ouvimo-los cantar a canção que aprenderam na aula de Moral durante dias.

Conto uma experiência pessoal. No terceiro ciclo, costumava ditar o sumário e não escrevia nem mandava escrever no quadro. Pensava que os alunos achavam isso uma seca, e era tempo que poupava. Até que um dia uma aluna me pediu para escrever o sumário no quadro. Acedi, mas logo quase todos os alunos se insurgiram, porque também queriam ir. Bem, não imaginam o meu espanto! Eles gostam de escrever o sumário no quadro? Uma coisa que fazem em todas as aulas, várias vezes ao dia... Sentem necessidade desse ritual? Assim parece. Aproveitei para tirar benefício da situação. Disse-lhes então: «Agora, quem for ao quadro escrever o sumário, tem que me contar como está a correr o dia, como correram os últimos testes, e mais que queiram dizer.» Por vezes, alguém me diz que nesse dia não quer ir. Não forço, mas peço para, no final da aula, me dizer porquê. Desabafam, contam os seus problemas. Considero já ter ajudado alguns alunos com este novo ritual.

Muitos outros rituais podem e devem ser aproveitados.